



A História Militar e a Historiografia Contemporânea¹

Nuno Severiano Teixeira*

O campo historiográfico militar vem sendo ampliado pela introdução de novas problemáticas ao pensamento estratégico, extraídas das ciências sociais e políticas. Como consequência, um novo modelo tende a substituir o modelo tradicional de apreciação do fato histórico militar.

Este artigo procura identificar as características deste novo modelo.

A HISTÓRIA MILITAR E O PARADIGMA TRADICIONAL

Da Antiga Grécia aos primórdios do século XX, a guerra e, em particular, a batalha, ocuparam um lugar privilegiado na historiografia ocidental. Não será de certo por acaso que um dos primeiros

textos históricos é a história de uma guerra — A História da Guerra do Peloponeso, de Tucídides. E não será igualmente por acaso, que nos finais do século XIX e primeiros anos do século XX o recitativo do fato militar, de *per se* ou estritamente ligado ao fato político, constituía ainda o tecido fundamental do discurso histórico.

É o tempo em que a História, dominada por duas correntes principais — o positivismo de Comte e Buckle e o idealismo de Rickert e Windelband — se procura a si própria como discurso científico. Embora divergentes, sob

* Doutor em História Militar e Secretário da Comissão Portuguesa de História Militar.

¹ Selecionado pelo PADECEME.

o ponto-de-vista gnoseológico, positivismo e idealismo encontram na historiografia de então um acordo tácito, não só no plano dos pressupostos epistemológicos, mas também na leitura da função social da história, conferindo uma certa coerência a este paradigma do discurso histórico que, por comodidade, chamarei tradicional. E isto, tanto no que respeita à História em geral como à História Militar, desde a origem marcada por um duplo interesse: por um lado, a reflexão técnica sobre a arte militar que a dirige para a especialização; por outro, o interesse pelo fato glorioso e o seu significado político que a aproxima da História Geral. Esta ambiguidade entre especialização e generalidade constituir-se-á, aliás, como um dos problemas centrais da História Militar.

Do ponto de vista epistemológico, a historiografia tradicional partilhava de uma mesma concepção de fato, tempo e sujeito histórico. O fato histórico era apenas um — o fato único, singular e atomizado, “o acontecimento” que se concretiza, em particular, no grande feito militar e, inevitavelmente, nas suas conseqüências políticas. Também o tempo histórico era apenas um — linear, contínuo e irreversível, justamente a sucessão desses mesmos grandes acontecimentos. Finalmente, o sujeito histórico, sempre individual e voluntarista, era o protagonista dos grandes acontecimentos — “o herói”, o homem-estado, o chefe militar. A História, portanto, não era mais que a sucessão, no tempo, dos grandes feitos, protagonizados pela figura dos heróis, em que, não raras vezes, concidiam chefe político e chefe militar. Esse primado absoluto do *événementiel* e do recitativo político-militar assegura uma certa identidade historiográfica entre a história geral e a História Militar em sentido restrito,

entendida como estudo específico da conduta da guerra, das campanhas militares e das batalhas decisivas.

Porém essa identidade não se reduz ao campo estritamente epistemológico e alarga-se igualmente à leitura da função social da história. No quadro dos movimentos nacionalistas que atravessam a Europa, da segunda metade do século XIX, à Primeira Guerra Mundial, as diferentes historiografias nacionais cumpriam uma função social e política bem precisa, a saber, a legitimação dos estados nacionais. Pela História passava, então, a tarefa de constituição e reforço das identidades nacionais através da transmissão dos valores e tradições de um povo pelo estudo do seu passado. A guerra, a batalha, os grandes feitos militares e os seus heróis, jogam aí um papel decisivo — são os pontos referenciais, os marcos da evolução histórica e constituem mesmo, em certos casos, o mito fundador da nacionalidade. Numa palavra, são a textura ideológica da memória nacional. Ora, não raras vezes, sob o culto deliberado da pátria passava também a legitimação política dos regimes que se constituem eles mesmos como herdeiros desse passado histórico. A História Militar cumpria, nesse contexto, uma dupla função. Por um lado, uma função interna, profissional, de formação dos quadros militares. Seja no sentido prático-pedagógico do estudo dos sistemas estratégicos e táticos das campanhas passadas para um melhor conhecimento e controle desses sistemas no presente, seja no sentido mais elevado da formação do espírito de comando do chefe militar. Mas, por outro lado, a História Militar, não fugindo aos pressupostos da historiografia em geral, participava, conseqüentemente, da concepção dominante de uma história heróica, patriótica

e comemorativa. E longe de se afastar do paradigma dominante, ofereceu-lhe sempre um terreno privilegiado. A história das grandes campanhas, das batalhas decisivas e dos chefes militares, não só participa e se identifica com os mitos e heróis nacionais no sentido político mais global, como, em muitos casos, é atravessada por um discurso de auto-legitimação, seja do papel da instituição militar em geral, seja de determinada opção estratégica ou operação tática.

“O sujeito histórico não é um sujeito individual, não é o herói, mas sim as sociedades e os grupos sociais.”

Ora, é contra esse paradigma tradicional da historiografia, fundado sobre o primado do *événementiel* político-militar e sobre a função de legitimação política da história, que se afirma o processo de renovação historiográfica que estaria na origem da crise da história militar. Iniciado pela escola dos *Annales*, o processo prolonga-se até à chamada “nova história” que, uma vez paradigma dominante, atravessa hoje de forma difusa, múltiplos domínios e correntes diversas do campo historiográfico, incluindo a própria história militar.

Inspirado por um artigo de François Simiand — *Méthode Historique et Sciences Sociales* — o paradigma dos *Annales* assentava sobre a crítica daquilo a que os pais fundadores Marc Bloch e Lucien Febvre chamavam “os três ídolos da tribo dos historiadores”: o político, o individual e o cronológico. Contra o recitativo político-militar, procuram uma história económico-social, da qual nascerão uma multiplicidade

de novos domínios, da demografia às mentalidades; contra o sujeito individual e o herói, uma história total das sociedades; e contra a cronologia do tempo único linear e contínuo, virá Fernand Braudel propor a pluralidade dos tempos históricos. Essa mudança implicava, desde logo, o alargamento do campo da história e a reformulação das suas concepções teóricas e procedimentos metodológicos. Em primeiro lugar, não só o fato político e militar é histórico, mas todos os fatos humanos são históricos e, conseqüentemente, dignos de história. Em segundo lugar, o sujeito histórico não é um sujeito individual, não é o herói, mas sim as sociedades e os grupos sociais. Finalmente, à História não interessa apenas o acontecimento, interessam também a conjuntura e a estrutura e os tempos que lhe são inerentes, a média e a longa duração. A história constitui, a partir de então, um paradigma epistemológico assente na interdisciplinaridade com as Ciências Sociais, cujo modelos teóricos, métodos e técnicas passou a aplicar ao estudo do passado. Abandona, assim, a lógica tradicional do recitativo, para adotar a lógica hipotético-dedutiva das ciências sociais: a descrição do fato atomizado cede o lugar à análise das permanências em busca da explicação científica. Esse movimento teria, sobre o futuro da história militar, um efeito duplo e profundamente negativo. Por um lado, o alargamento do campo historiográfico deslocava, já por si, o centro de interesse dos historiadores — do tradicional objeto político-militar para a economia, a sociedade, a demografia ou as mentalidades. Por outro lado, o novo paradigma baseado na lógica explicativa das ciências sociais que procura, se não leis pelo menos regularidades tendenciais, acaba por

afastar definitivamente o político-militar, lugar por excelência do aleatório e do fato atomizado. O abandono do recitativo *événementiel* é acompanhado pelo abandono da história militar.

Porém não é só o discurso historiográfico que está em causa. É também, e por maioria de razão, a função política da História. O estatuto científico procurado pela "nova história" era absolutamente contrário à função patriótica, comemorativa e legitimadora da historiografia tradicional. É toda uma outra leitura da função social da história que se desenha com esse novo paradigma: "o historiador deverá deixar de fornecer os argumentos à nação e aos governantes, de alimentar a sua necessidade de legitimidade retrospectiva, deve procurar, pelo contrário, dar-lhes os meios para melhor compreender e, por isso, melhor gerir os mecanismos da realidade".² Dito de outro modo, a função social da história será de natureza técnica e não política. Através de um melhor conhecimento dos mecanismos sociais, o seu contributo será o de ajudar a elaborar soluções técnicas e não a legitimar opções políticas.

Nesse contexto, a História Militar ficava à margem do movimento de renovação historiográfica: centrava-se sobre o acontecimento, ignorava a estrutura e a conjuntura; centrava-se sobre o psicológico e o individual, ignorava a sociedade global e os condicionamentos sociais; centrava-se sobre o tempo curto, ignorava a média e a longa duração; era qualitativa, ignorava o quantitativo; baseava-

se sobre a descrição e o recitativo, ignorava a análise e a explicação; e finalmente, era ideológica e, pior que isso, não se reconhecia como tal.

"Com a fuga dos historiadores da história-batalha, a História Militar retira-se para dentro do muro dos quartéis."

O novo paradigma científico da História era absolutamente incompatível com o paradigma tradicional da História Militar. A partir daqui, quebra-se a identidade até então existente entre a História em geral e a História Militar. Eram, doravante, dois paradigmas distintos, para não dizer opostos. E, progressivamente, os historiadores vão trocando os teatros de guerra pelas curvas de preços, as taxas de natalidade ou os avatares da sexualidade. Em suma, desertam do campo da História Militar, abandonada ao domínio *événementiel*, considerada gênero menor, e designada pelo epíteto significativamente pejorativo de *histoire-bataille* — a história-batalha.

É óbvio que a História Militar permaneceu e continuou a cultivar-se segundo o modelo tradicional. E, no caso da escola histórica inglesa, cuja tradição da História Militar — da biografia dos grandes chefes à história da batalha — teve sempre grande prestígio, não só não desapareceu do panorama historiográfico, como ocupou mesmo um lugar de destaque nas histórias gerais mais

2. André Bourguière, *Histoire d'une Histoire: La Naissance des Annales*, in *Annales Économies Sociétés Civilisations*, novembro-dezembro de 1979, p. 1356.

importantes, como a New Cambridge Modern History. Mas esta é a exceção, porque a regra é outra. Com a fuga dos historiadores da história-batalha, a história militar retira-se para dentro do muro dos quartéis. Feita por militares e para militares e, assim, privada da reflexão histórica geral, a história militar sofre um processo de marginalização/auto-marginalização, com um efeito duplamente negativo sobre o seu desenvolvimento, e que marca todo o período da sua crise. Em primeiro lugar, fecha-se nos problemas internos, técnicos e específicos da instituição militar, evitando toda a reflexão sobre a relação dos militares com a sociedade civil e política no sentido mais global. Em segundo lugar, corta todo o diálogo com a história, agravando assim o fosso entre história militar e história geral, a primeira sempre apegada ao paradigma tradicional, a segunda em pleno processo de renovação.³

A crise será longa e prolongar-se-á, com variantes nacionais, grosso modo, até a década de 70/80.

A HISTÓRIA MILITAR E A CRISE DO PARADIGMA TRADICIONAL

Ao mesmo tempo que os historiadores abandonavam a História Militar, as ciências sociais e políticas começam a interessar-se pelo fenómeno militar e a reflexão sobre a

história do pensamento estratégico a produzir um pensamento inovador nesse campo.

O primeiro núcleo inovador sobre o fenómeno militar parte, indiscutivelmente, da sociologia. Na França, a iniciativa pertence a Gaston Bouthoul, que procura uma aproximação sociológica do fenómeno "guerra" a que chamou "polemologia". Desde o *Traité de Polémologie* a *Le Défi de la Guerre*, Gaston Bouthoul⁴ e a escola polemológica partindo dos materiais conhecidos da História Militar, tentam a análise da guerra numa perspectiva sociológica. Estudando os conflitos militares ao longo de um largo período histórico, procuram, através da quantificação e da construção de uma tipologia dos conflitos, determinar as suas constantes e funções e, em última análise, a essência do fenómeno guerra. A "polemologia" foi altamente contestada e é hoje consensual, entre historiadores e sociólogos, o julgamento sobre a sua *démarche*: os seus resultados tornaram-se progressivamente repetitivos e o seu procedimento parece ter chegado a um beco sem saída. Mas esse é todo um outro debate que não cabe aqui desenvolver. O que importa sublinhar é que, a seu tempo, a "polemologia" de Gaston Bouthoul mostrou que poderia haver uma outra perspectiva sobre o fenómeno militar.

Mas o contributo, indiscutivelmente, mais importante virá da sociologia norte-americana do segundo pós-guerra. Imedia-

3. O processo de renovação historiográfica que vai da história tradicional à chamada nova história, que aqui se sumaria, é um processo longo e completo. Uma análise mais detalhada pode ver-se in Nuno Severiano Teixeira, *A História Política na Historiografia Contemporânea*, in *Ler História*, nº 13, 1988, pp. 77 a 102.

4. Da extensa bibliografia da escola polemológica vejam-se as duas obras que marcam, por assim dizer, o princípio e o fim da sua produção: Gaston Bouthoul, *Traité de Polémologie*, Ed. rev, Paris, 1970; e Gaston Bouthoul/René Carrière, *Le défi de la Guerre*, Paris, 1976.

tamente após a guerra, os comandos militares encomendam aos cientistas sociais um estudo sobre as características sociais e psicológicas do Exército norte-americano durante a Segunda Guerra. Deste trabalho, conduzido de acordo com o procedimento científico da sociologia empírica no universo da instituição militar, resultaria o estudo monumental, hoje considerado como fundador da sociologia militar — *The American Soldier*.⁵ Em simultâneo e conduzidos com a mesma perspectiva científica, devem referir-se dois pequenos mas importantíssimos estudos: o de Morris Janowitz e Eduard Shils sobre *Cohesion and Disintegration in the Wehrmacht in II World War*⁶ e o segundo de Samuel Lyman Atwood Marshall *Men Against Fire — the problem of battle command in future war*.⁷ O primeiro estudava as condições psicológicas do combatente no quadro das relações inter-pessoais no seio de um grupo, identificando aquilo que a gíria militar chama “o espírito de corpo” como um tipo mais geral de relação no quadro da dinâmica de grupos. O segundo, de acordo com o mesmo princípio, examinava a experiência do combate em si própria, concluindo-se sobre a melhor forma de constituir grupos de combate. Na sequência desses primeiros estudos da sociologia militar que se concentravam sobre os aspectos psicossociológicos e organizacionais, no interior da instituição militar, outros surgem sempre dentro da mesma orientação

sociológica, mas que se dirigem numa outra direção e abrem um novo campo, o das relações civis-militares e em particular, dos militares com a política. Entre os pioneiros contam-se: *The Soldier and the State*, de Samuel Huntington;⁸ *The Man on the Horseback: the role of the military in the politics*, de S. E. Finer;⁹ e *The Professional Soldier*, de Morris Janowitz.¹⁰ A sociologia militar mostrava, assim, definitivamente que era possível uma análise científica do fenómeno militar. Em primeiro lugar, cortava radicalmente com a perspectiva ideológica do paradigma tradicional, adotando uma postura empírica e objetiva. Doravante, a sua função será, de fato, a resolução de problemas técnicos da instituição militar e não mais a legitimação política. Em segundo lugar, introduzia novas teorias, novos métodos e novas técnicas, abrindo, assim, novas direções no estudo do fenómeno militar: a primeira, mais próxima à sociologia das organizações, que estuda os problemas internos da instituição militar; a segunda, mais próxima à sociologia política, que estuda as relações civis-militares e militares-política.

O segundo núcleo inovador da reflexão sobre o fenómeno militar parte de um complexo de disciplinas, entre a ciência política, as relações internacionais e a história das idéias, que se materializa na reflexão histórica e teórica sobre o pensamento estratégico.

5. S. A. Stouffer et al., *The American Soldier*, 2 vol., Cambridge, 1949.

6. E. A. Shils/Morris, Janowitz, *Cohesion and desintegration in the Wehrmacht in the World War II*, in *Public Opinion Quarterly*, nº 12, 1948, pp. 281 a 292.

7. Samuel Lyman Atwood Marshall, *Men Against Fire: the problem of battle command*, in *Infantry Journal*, 1947.

8. Samuel Huntington, *The Soldier and the State*, Cambridge, 1957.

9. S. E. Finer, *The Man on the Horseback; The Role of Military in Politics*, London, 1962.

10. Morris Janowitz, *The Professional Soldier*, New York, 1960.

Depois do clássico que é, hoje, *Makers of Modern Strategy*¹¹ e que data dos anos quarenta, faz-se de certo modo um silêncio na história do pensamento estratégico. De fato, até à década de setenta, nenhum estudo de grande relevo se dedica aos clássicos da Estratégia. Os anos setenta, pelo contrário, são marcados não só pela publicação de novas edições desses clássicos — Guibert; Jomini; Clausewitz — mas, sobretudo, pelo aparecimento de dois estudos de exceção sobre o estrategista prussiano: *Clausewitz and the State*, de Peter Paret¹² e *Penser la Guerre-Clausewitz*, de Raymond Aron.¹³ E, mais recentemente, deverão citar-se, *Clausewitz*, de Michael Howard,¹⁴ *Clausewitz L'Arte Militare L'Età Nucleares*, de Loris Rizzi¹⁵ e *Clausewitz la Filosofia tra Guerra e Rivoluzione*, de Pier Franco Taboni.¹⁶ Com perspectivas diferentes — Paret, predominantemente histórico-biográfico; Aron, predominantemente teórico-analítico — ambos fazem renascer um interesse renovado por Clausewitz e, sobretudo, Aron (todo o segundo volume é dedicado à leitura de

Clausewitz à luz dos teóricos do século XX) pelo pensamento estratégico em geral.

Entre Peter Paret e Raymond Aron¹⁷ e os seus críticos, Claude Leffort,¹⁸ Walter Emil Kaegi Jr.¹⁹ e, mais recentemente, Rinaldo Falconi²⁰ e, sobretudo, a exegese excelente de Emmanuel Terrey²¹ — abre-se um fecundo debate teórico que se estende até os anos oitenta. De todo esse debate e no que concerne à História Militar, importa sublinhar dois pontos fundamentais: em primeiro lugar, e decorrente da tese de Paret,²² o papel decisivo da história, não só na formação de Clausewitz, mas na construção da sua própria teoria estratégica, o que abre um campo novo à História Militar; em segundo lugar, e decorrente da tese de Aron,²³ a sua exegese sobre o binómio guerra-política em Clausewitz, oferece à História Militar uma outra matriz para o estudo da guerra: não a de uma gramática interna mas a de uma leitura política.

O terceiro elemento a considerar para a renovação da História Militar não releva do campo científico, mas da própria evolução

11. Edward Mead Earle (Ed. by), *Makers of Modern Strategy*, Princeton, 1943.

12. Peter Paret, *Clausewitz and the State*, Oxford, 1976.

13. Raymond Aron, *Penser la Guerre-Clausewitz*, 2 vol., Paris, 1976. Veja-se também Raymond Aron, *Sur Clausewitz*, Paris, 1987.

14. Michael Howard, *Clausewitz*, Paris, 1987.

15. Loris Rizzi, *Clausewitz l'Art Militare l'Età Nucleare*, Milano, 1987.

16. Pier Franco Taboni, *Clausewitz la Filosofia tra Guerra e Rivoluzione*, Urbino, 1990.

17. Veja-se a crítica de Raymond Aron a Peter Paret, Raymond Aron, *Clausewitz et L'Età* in *Annales Économies Sociétés Civilisations*, Nov/Dez 1977, pp. 1255 a 1267.

18. Veja-se Claude Lefort, *Lectures de la Guerre; le Clausewitz de Raymond Aron*, in *Annales, Économies Sociétés Civilisations*, novembro/dezembro de 1977, pp. 1268 a 1279.

19. Walter Emil Kaegi Jr. *On War*, in *Armed Forces and Society*, vol. 5, nº 1, Fall 1978, pp. 123 a 131.

20. Rinaldo Falconi, *Politica e Guerra da Clausewitz ad Aron*, in *Il Mulino*, nº 294, julho-agosto de 1983, pp. 577 a 602.

21. Emmanuel Terray, *Violence et Calcul, Raymond Aron lecteur de Clausewitz*, in *Revue Française de Science Politique*, abril de 1986, pp. 248 a 267.

22. Veja-se Peter Paret, *op. cit.*, pp. 331 a 355.

23. Veja-se Raymond Aron *op. cit.*, particularmente o vol. I e a crítica já citada de Emmanuel Terray.

histórica. Prende-se com a modernização do fenômeno guerra durante o século XX, isto é, com industrialização e a massificação do conflito militar que toma forma nas duas guerras mundiais. É toda uma experiência radicalmente diversa, esta da guerra moderna, industrial e de massas, que se traduz pelo conceito de "guerra total".

"Até a 'guerra total' era possível conceber uma História Militar centrada sobre o recitativo das campanhas militares e a biografia dos grandes chefes."

Relativamente à guerra tradicional, limitada no tempo, no espaço, nos meios utilizados e, sobretudo, nas suas conseqüências sobre a sociedade global, a "guerra total" altera radicalmente esses dados. A França revolucionária e napoleônica, introduz o elemento ideológico e nacionalista e a mobilização masculina obrigatória, constituindo, pela primeira vez, um exército de cidadãos — "a nação em armas". Era o primeiro golpe na guerra tradicional. O século XIX e a revolução industrial aumentam consideravelmente a capacidade, não só da mobilização de tropas, com a estrada de ferro, mas também do potencial de destruição, com a industrialização da tecnologia militar. Porém era, ainda e só, uma tendência. A "guerra total" será a guerra do século XX: a grande guerra e, por maioria de razão, a Segunda Guerra

Mundial. Contrariamente à guerra tradicional, é uma guerra em que a lógica não é a da limitação, mas precisamente a contrária, e assume por isso proporções ilimitadas. Em primeiro lugar, ao nível dos objetivos e, conseqüentemente, e da mobilização de meios — não só de meios militares, mas de meios que envolvem a sociedade global. Ao nível militar, uma mobilização em massa e a utilização de uma tecnologia militar industrializada de elevado potencial destrutivo, que afeta não só os exércitos, mas também as populações civis. Ao nível global, a mobilização de toda a sociedade civil para o esforço de guerra, desde a constituição de uma economia de guerra à organização da propaganda, envolvendo forças materiais e morais. Finalmente, e acima de tudo, uma guerra que deixa marcas profundas no próprio tecido social: alterações demográficas, não só no aumento da taxa de mortalidade, mas de todos os movimentos naturais da população; distorções graves do sistema econômico, não só decorrentes da mobilização industrial, mas também da alteração de composição da mão-de-obra, com entrada massiva da mão-de-obra feminina e o aparecimento de fenômenos como o desemprego e a inflação; mudança ao nível institucional e político, com o crescimento do fenômeno Estado, da sua intervenção e controle sobre a economia e a sociedade e a conseqüente inversão do primado institucional do Legislativo sobre o Executivo. Em suma, é uma guerra que afeta as próprias estruturas sociais e, mais do que isso, se constitui como fator de mudança social.²⁴

24. Sobre o conceito de *Guerra Total* veja-se por todos Ian F. W. Beckett, *Total War* in, Clive Emsley, Arthur Marwick and Wendy Simpson (Ed. by), *War, Peace and Social Change in Twentieth Century Europe*, Philadelphia, 1989, pp. 26 a 44.

A "guerra total" tornava completamente obsoleto o paradigma tradicional da História Militar. Até então, era possível conceber uma história militar centrada sobre o recitativo das campanhas militares e a biografia dos grandes chefes. Depois da "guerra total", que mobiliza a sociedade global e lhe impõe mudanças estruturais, torna-se impossível uma História Militar concebida em termos de batalhas decisivas. Era necessário o abandono de paradigma tradicional e a renovação da historiografia militar.

Outros campos historiográficos tinham já percorrido o mesmo trajeto. Era a vez da História Militar. E, como dizia Raymond Aron, "nunca houve razão lógica ou epistemológica para afirmar que o conhecimento histórico dos fenômenos econômico-sociais apresenta um caráter mais científico que o dos regimes políticos, das revoluções ou das guerras".²⁵ A diferença residia eventualmente no fato de que, no momento de partida da renovação historiográfica, já existia uma ciência econômica e não existia ainda uma ciência política. Mas este era um problema superado desde o segundo pós-guerra. As ciências sociais e políticas já tinham mostrado que era possível uma outra aproximação do fenômeno militar.

UM NOVO PARADIGMA PARA A HISTÓRIA MILITAR

De fato, progressivamente, de forma dispersa e segundo cambiantes nacionais diversos, começa a surgir um movimento de inovação na História Militar, a partir do final dos anos sessenta, primórdios de setenta. Não será aqui o local para fazer um balanço da historiografia militar nos diferentes casos nacionais. Mas a partir desses mesmos balanços, determinar os seus pontos de referência e linhas de força fundamentais e, a partir destas, tentar uma caracterização geral daquela que não será abusivo chamar a "nova história militar".

Na tradição anglo-saxônica, em que a História Militar manteve sempre uma presença viva, o movimento de renovação começa a se fazer sentir durante os anos sessenta.²⁶

Na Inglaterra, iniciam-se ao longo da década de sessenta, sob a influência de Michael Howard, os chamados *war studies*. Ao lado do modelo tradicional, das campanhas e dos chefes militares, surge uma óptica nova e diferente no estudo da guerra: não a gramática interna, mas a guerra em contexto. Esse movimento dos *war studies*,

25. Raymond Aron, *Comment l'Historien Écrit l'Épistémologie*, in *Annales, Économies Sociétés Civilisations*, Nov/ dezembro de 1971, p. 1350.

26. Sobre a evolução geral da historiografia militar anglo-saxônica nos últimos trinta anos, veja-se: Walter Mills, *Military History in Service Center for Teachers of History*, 1961, pp. 5 a 11; Michael Howard, *The Demand for Military History*, in *Times Literary Supplement*, 13 de novembro de 1969; Peter Paret, *The History of War*, in Felix Gilbert/Stephen Graubard (Ed. by), *Historical Studies Today*, New York, 1972, pp. 372 a 392; D. Rickey jr./B. F. Cooling (Ed. by), *Essays in Some Dimensions of Military History*, Pennsylvania, 1972; R. F. Weigley Ed. by), *New Dimension in Military History*, San Rafael, 1975; Walter Emil Kaegi Jr. *The Crises in Military Historiography*, in *Armed Forces and Society*, vol. 7, nº 2, Winter 1980, pp. 299 a 216; Michael Howard/Brian Bond/J. C. A. Stagg/David Chandler/Geoffrey Best/John Terraine, *What is Military*, in Juliet Gardiner (Ed. by) *What is History Today*, London, 1988, pp. 4 a 17. Sobre o caso canadense veja-se Serge Bernier, *L'Historiographie Militaire Canadienne entre 1975 et 1988*, in *Guerras Modiales et Conflits Contemporains*, nº 157, janeiro de 1990, pp. 5 a 24.

ou *war and society*, continuado, entre outros, por Geoffrey Best e Brian Bond, conhece um enorme desenvolvimento e materializa-se não só na publicação periódica do *War Society Newsletter* e da revista *Armed Forces and Society*, mas também na prestigiosa coleção histórica *The Fontana History of European War and Society*²⁷ e nos seminários animados por Arthur Marwick, hoje clássicos, *War and Social Change in Twentieth Century*.²⁸ Faltava, porém, a renovação na história da batalha em sentido estrito. Surgiria em 1976, com *The Face of the Battle*, de John Keegan,²⁹ verdadeiro livro "manifesto" e modelo de uma nova história militar. Distanciando-se dos *war studies*, Keegan chamava de novo à atenção para o núcleo duro da História Militar, a saber, a batalha. Mas, por outro lado, ajustava contas com o modelo tradicional, introduzindo a problemática e os métodos da sociologia militar. Abandonava os generais, a sua estratégia e as operações táticas; afrontava o problema central da experiência do combate e do comportamento psicossociológico do combatente. Também esta via, aberta por Keegan, conhece grande desenvolvimento, do qual surgiram obras importantes, cujo exemplo mais significativo é ainda o de Tony Ashworth, *Trench Warfare 1914/1918. The Live and Let Liv System*.³⁰

Nos Estados Unidos, a renovação da História Militar parte dos trabalhos pioneiros

de John Nef e da sociologia histórica de Morris Janowitz. O primeiro, abordando os aspectos tecnológicos e econômicos da guerra, abre uma via de interpretação global do fenômeno, cujo desenvolvimento mais acabado é a grande síntese de William McNell.³¹ *The Pursuit of Power-Technology, Armed Force and Society since a. D. 1000* constitui-se como uma verdadeira genealogia guerreira da história. Não é de história batalha que se trata, pelo contrário, é de um modelo braudeliano, cuja infra-estrutura é a guerra. Trabalhando sobre o tempo longo e aquilo a que se poderia chamar a produção das produções da guerra, McNeill chega a uma conclusão contrária à do marxismo e da nova história. Mais que os meios de produção ou a vida material, são aquilo a que chama os "complexos político-militares" o fator de mudança histórica. Em suma, o motor da história não é a economia, mas sim a guerra. A herança de Morris Janowitz concretiza-se no estudo histórico da instituição militar e seu comportamento. Partindo da teoria e métodos da sociologia e, mais recentemente, da problemática psicanalítica e antropológica, dirige-se para o estudo do soldado em combate, do universo psicossociológico do combatente e da construção da memória e dos mitos da guerra, *The Great War and Modern Memory* e *Wartime*, de Paul Fussel.³² *No Man's Land — Combat and Identity in World*

27. Geoffrey Best (Editor), *Fontana History ou European War and Society*, London, 5 vol.

28. Arthur Marwick (Ed. by), *War and Social Change in Twentieth Century: a comparative study of Britain, France, Germany, Russia and United States*, London, 1974; Arthur Marwick (Ed. by), *Total War and Social Change*, New York, 1988; Clive Emsley, Arthur Marwick and Wendy Simpson (Ed. by), *War, Peace and Social Change in Twentieth Century Europe*, Philadelphia, 1989.

29. John Keegan, *The Face of the Battle*, New York, 1976.

30. Tony Ashworth, *Trench Warfare 1914-1918. The Live and Let Live System*, London, 1980.

31. William H. McNeill, *The Pursuit of Power-Technology, Armed Force and Society since a. D. 1000* Chicago, 1982.

32. Paul Fussel, *The Great War and the Modern Memory*, Oxford, 1975; e *Wartime*, Oxford, 1989.

War I, de Eric Leed,³³ e o estudo recente de George Lee Mosse *Le Guerre Mondiale — Dalla Tragedia al Mito dei Caduti*³⁴ constituem-se como referência fundamental. No contexto norte-americano, não poderá ainda esquecer-se o já citado contributo de Peter Paret e da sua escola para a história do pensamento estratégico.

Na tradição francesa, o peso esmagador dos *Annales* e da nova história determina uma outra situação.³⁵ Não fora o percurso solitário de Henry Contamine³⁶ entre guerras e Émile-G. Léonard³⁷ no imediato pós-guerra, e a história militar teria desaparecido completamente do discurso historiográfico francês. Em 1946 é publicado postumamente o último livro de um dos fundadores dos *Annales*: *L'Étrange Défaite, de Mare Bloch*.³⁸ A seu modo, que não era certamente o *événementiel*, Bloch produzia uma reflexão lúcida sobre a derrota francesa no ano de 1940. E fazia-o em termos da relação entre comando militar e classe política, entre a incompetência do primeiro e a fraqueza da segunda, que o

mesmo é dizer termos de relação guerra política. Mas o ensino de Mare Bloch, que conferia toda a legitimidade à história militar, foi entendido como simples depoimento e não teve repercussão imediata no campo historiográfico. Foi necessário esperar pelos trabalhos de Raoul Girardet, *La Société Militaire dans la France Contemporaine*,³⁹ e André Corvisier, *L'Armée Française de la fin du XVII siècle au ministère de Choiseul — Le Soldat*,⁴⁰ para ver os primeiros sinais de renovação na História Militar. Voltados para o estudo da instituição militar como corpo social, procuravam determinar a sua composição, funcionamento e fatores de evolução. Numa palavra, era uma história social dos exércitos. Se esses primeiros estudos relevavam de uma perspectiva sociológica e se dirigiam para o corpo militar em si, a segunda metade dos anos sessenta vê surgir uma outra corrente de estudos que releva mais de uma perspectiva politológica e de defesa nacional, e se dirige para o estudo da guerra no seu contexto e as relações do militar com a

33. Eric Leed, *No Man's Land. Combat and Identity in World War I*, Cambridge, 1979.

34. O livro teve publicação simultânea em inglês e italiano. Cita-se da edição italiana: George Lee Mosse, *Le Guerre Mondiale. Dalla Tragedia al Mito dei Caduti*, Roma/Paris, 1990.

35. Sobre a evolução geral da historiografia militar francesa nos últimos trinta anos, veja-se: Robert Vial, *L'Armée Française et l'Histoire*, in *Revue Historique*, 86 année, Tome CCXXVII, 1962, pp. 435 a 455; André Martel, *Le Renouveau de l'Histoire Militaire en France*, in *Revue Historique*, 95 Année, Tome CCXLV, 1971, pp. 107 a 126; André Corvisier, *Aspects Divers de l'Histoire Militaire*, in *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, Tome XX, janeiro-março de 1973, pp. 1 a 9; André Corvisier, *L'Association des Chercheurs militaires et non Militaires-Problèmes de Pluridisciplinarité: le cas français*, in *Revue Internationale d'Histoire Militaire*, n° 49, Paris, 1980, pp. 1 a 15; André Corvisier, *Histoire Militaire*, in André Bourguière, *Dictionnaire des Sciences Historiques*, Paris, 1988, pp. 463 a 471; e Jean-Pierre Azéma, *La Guerre*, in René Raymond (dir.), *Pur une Histoire Politique*, Paris, 1988, pp. 345 a 377.

36. Henry Contamine, *La Revanche 1871-1914*, Paris, 1957.

37. Émile-G. Léonard, *La Question Sociale dans l'Armée Française au XVIII Siècle* in *Annales, Économies Sociétés Civilisations*, janeiro-fevereiro de 1948, pp. 135 a 150; e, mais tarde, *L'Armée Française et ses Problèmes au XVIII Siècle*, Paris, 1958.

38. Marc Bloch, *L'Étrange Défaite*, Paris, 1946. Nova edição, 1990.

39. Raoul Girardet, *La Société Militaire dans la France Contemporaine (1815-1914)*, Paris, 1953.

40. André Corvisier, *L'Armée Française de la fin du XVII siècle au ministère de Choiseul. Le Soldat*, Paris, 1964.

política e a sociedade civil — desde a mobilização industrial às formas do governo de guerra, passando pela opinião pública. Entre estes contam-se as obras pioneiras de Guy Pedroncini, *Les Mutineries de 1917* e *Le Haut Commandement Français 1917/1918*⁴¹ e a síntese de Henri Michel, *La Seconde Guerre Mondiale*,⁴² que abrem o caminho a uma vasta produção onde pontuam, entre muitos outros, Jean-Jacques Becker, Antoine Prost e Jean Pierre Azéma.⁴³

Também na Itália, a História Militar conheceu um longo eclipse. Durante os anos cinquenta e sessenta apenas Piero Pieri não deixou que se apagasse por completo da historiografia italiana. Se na França a renovação veio da história social, na Itália virá, sobretudo, da história política.⁴⁴ Em primeiro lugar, *Il Rinascimento e la crisi militare italiana*, de Piero Pieri,⁴⁵ seguido de uma série de trabalhos sobre a história do pensamento estratégico de inspiração *clauswitziana* que, muito antes dos anos setenta — do retorno a

Clausewitz — abre a reflexão sobre o binômio guerra-política. A herança de Pieri desenvolve-se a partir dos anos setenta, em que se registra um verdadeiro *boom* em quantidade e qualidade da historiografia militar italiana, protagonizada, entre outros, por nomes como os de Giorgio Rochat, Raimondo Luraghi, Virgílio Ilari e Mario Isnenghi. A historiografia italiana parece hoje dividida entre duas correntes, como uma concepção diversa da História Militar: a primeira, liderada por Raimondo Luraghi, que se inclina para uma orientação teórica de especialização e autonomia da história militar; a segunda, liderada por Giorgio Rochat que, ao contrário, teoriza a necessidade de integração da História Militar com a História Geral. Orientando-se ou para o estudo interno da instituição militar, ou para a história da guerra no seu contexto mais geral, a História Militar italiana segue, de muito perto e criticamente, as historiografias

41. Guy Pedroncini, *Les Mutineries de 1917*, Paris, 1967, e *Le Haut Commandement français 1917-1918*, Paris, 1971.

42. Henri Michel, *La Seconde Guerre Mondiale*, 2 vol., Paris, 1968/1969.

43. Citam-se apenas alguns exemplos, entre os mais significativos: Jean-Jacques Becker, *1914. Comment les Français sont entrés dans la Guerre*, Paris, 1977; Antoine Prost, *Les Anciens Combattants*, Paris, 1977; Jean-Pierre Azéma, *De Munich à la Libération*, Paris, 1985.

44. Sobre a evolução geral da historiografia militar italiana nos últimos trinta anos, veja-se Piero Pieri, *Sur les Dimensions de l'Histoire Militaire*, in *Annales Économies Sociétés Civilisations*, julho-agosto de 1963, pp. 625 a 639; Piero Pieri, *La Storia Militare*, in A. A. V. V., *La Storiografia Italiana Negli Ultimi Vent'Anni*, vol. II, Milano, 1968, pp. 1351 a 1369; Alberto Monticone, *La Storiografia Militare Italiana e i suoi Problemi*, in A. A. V. V., *Atti del Primo Convegno di Storia Militare*, Roma, 1969, pp. 99 a 122; Giorgio Rochat (a cura di), *La Storiografia Militare Italiana Negli Ultimi Vent'Anni*, Milano, 1985; Raimondo Luraghi, *Storia Militare*, in Luigi De Rosa (a cura di), *La Storiografia Italiana Negli Ultimi Vent'Anni*, vol. III, *Età Contemporanea*, Roma/Paris, 1989, pp. 221 a 240; Giorgio Rochat, *Gli Stadi di Storia Militare sull'Italia Contemporanea (1914/15)*, Bilancio e prospettive in *Rivista di Storia Contemporanea*, outubro de 1989, nº 4, pp. 605 a 627.

45. Piero Pieri, *Il Rinascimento e la Crisi Militare Italiana*, Torino, 1952; sobre a história do pensamento estratégico, veja-se, sobretudo: Piero Pieri, *Guerra e Politica negli Scrittori Italiani*, Milano/Napoli, 1955 e Piero Pieri, *Il legame fra Guerra e Politica dal Clausewitz a Noi*, in *Relazione del X Congresso Internazionale di Scienze Storiche*, vol. I, *Metodologia Problemi Generali*, Firenze, 1955, pp. 277 a 339.

francesa e anglo-saxônica e, em alguns campos precisos, estará mesmo mais avançada.⁴⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste percurso breve sobre a renovação da historiografia militar nos diferentes casos nacionais, quais as constantes linhas de força que poderão traçar-se como características da nova História Militar?

Em termos globais, poderiam sintetizar-se numa idéia: o alinhamento da História Militar pelo novo paradigma historiográfico. Mas, explicita-se.

Em primeiro lugar, o alargamento do campo historiográfico com a introdução de novas problemáticas importadas de outros campos científicos — das ciências sociais e políticas ao pensamento estratégico, passando pelos estudos de defesa nacional. Significa isto, não só o aprofundamento de alguns temas tradicionais, mas sobretudo o deslocamento dos centros de interesse: no domínio estritamente militar, da estratégia e das operações táticas para a logística, a medicina militar e, sobretudo, a experiência do combate — o moral do combatente, os movimentos de dissidência, os motins e a deserção, a experiência do cativo de guerra; por outro lado, o estudo da "frente interna", isto é, da sociedade em guerra — da mobilização industrial à organização da propaganda, do crescimento do Estado à opinião

pública, do recrutamento militar à fabricação da memória e à construção dos mitos.

Em segundo lugar, a utilização no campo histórico das teorias, métodos e técnicas das outras ciências — desde a dinâmica de grupos à teoria dos jogos, dos métodos quantitativos à psicanálise, da informática ao pensamento estratégico. A História Militar troca, assim e em definitivo, o recitativo *événementiel* pela compreensão e a explicação, à procura de um conhecimento tão rigoroso e objetivo quanto é possível no campo das ciências sociais.

Em terceiro lugar, o abandono da função tradicional patriótica e comemorativa. À história militar não cabe mais uma função de legitimação, mas sim, uma função de natureza eminentemente técnica. No sentido estritamente profissional, sem dúvida, para a formação dos quadros militares. Num sentido mais lato, na eventual resolução de problemas da sociedade global que tocam o militar. Sem que se defenda a função prospectiva, para não dizer preditiva, que setores importantes da historiografia norte-americana defendem para História Militar,⁴⁷ não poderá considerar-se de todo dispiciendo o seu contributo para a resolução de problemas presentes. Lucien Febvre disse sempre que a História era ciência do passado tanto quanto ciência do presente, e Marce Bloch não fazia mais do que confirmá-lo, dizendo que se deveria compreender não só o passado pelo presente, mas também o presente pelo passado.⁴⁸ Passado e presente poderiam e deveriam iluminar-se

46. Citam-se apenas alguns exemplos, entre os mais significativos: Raimondo Luraghi, *Storia della Guerra Civile Americana*, Torino, 1966; Giorgio Rochat, *L'Esercito Italiano da Vittorio Veneto a Mussolini 1919-1925*, Paris, 1967; Mario Isnenghi, *Il Mito della Grande Guerra*, Bari, 1970; Virgilio Ilari, *Le Forze Armate tra Politica e Potere 1943-1976*, Firenze, 1976.

47. Sobre a função prospectiva da História Militar, veja-se Walter Emil Kaegi Jr. art. cit., p. 303 a propósito do livro de Edward Lutwak, *The Grand Strategy of the Roman Empire from the First Century a. D. to the Third*, Baltimore, 1976.

48. Veja-se Lucien Febvre, *Combats pour l'Histoire*, cita-se da edição portuguesa, *Combates pela História*, Lisboa, s/d, vol. II, p. 208; Marc Bloch, *Apologie pur l'Histoire*, Paris, 1976, pp. 44 a 50.

reciprocamente. E de fato, é possível que o conhecimento de um problema no passado (o recrutamento militar por hipótese) possa ajudar a compreender as suas manifestações no presente e contribuir para as suas reformas no futuro.

Em quarto lugar, importa referir a existência de duas tendências distintas dentro da História Militar. Ambas atravessadas pelo processo de renovação, nem sempre facilmente diferenciáveis, têm orientações teórico-metodológicas e visam a problemáticas diferentes: a primeira, aponta para o estudo interno da organização militar e em particular, do núcleo duro que é a batalha e o combatente; a segunda, para o estudo da guerra em contexto e, conseqüentemente, da relação militar-civil e guerra-política. André Corvisier distingue-as sob a designação "história dos militares" para a primeira e "história militar" para a segunda. A tradição anglo-saxônica, de Michel Howard a Geoffrey Best,

reserva designação de "história militar" para a primeira, preferindo a de "história da guerra" ou "guerra em sociedade" para a última.

Finalmente, uma quinta característica não menos importante: um novo tipo de relação entre as duas componentes da História Militar — a dos historiadores e a dos militares. Se a renovação foi marcada pelo retorno dos historiadores ao fenômeno militar, o foi também pelo abandono do *événementiel* por parte dos militares. Abria-se, assim, um novo capítulo marcado pela colaboração entre civis e militares que se materializa institucionalmente nas comissões nacionais de História Militar. A filiação dessas comissões na comissão internacional, e os trabalhos que esta tem desenvolvido, marcam uma última característica da nova História Militar — a internacionalização e a tendência para uma história comparada. □



METAL LEVE

Tecnologia e Qualidade.